

UM NORTE PARA O ROMANCE BRASILEIRO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ÁLVARO PENTEADO CRÓSTA

E D I T O R A
U N I C A M P

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

Cristina Betioli Ribeiro

UM NORTE PARA
O ROMANCE BRASILEIRO
FRANKLIN TÁVORA ENTRE OS
PRIMEIROS FOLCLORISTAS

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

Ribeiro, Cristina Betioli.
R354n Um Norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas / Cristina Betioli Ribeiro. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Távora, Franklin, 1842-1888 – Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira – História e crítica. 3. Folclore – Brasil – Séc. XIX. 4. Brasil – Cultura popular. I. Título.

CDD - B869.34209
- 398.0981
- 394.30981

ISBN 978-85-268-1344-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Távora, Franklin, 1842-1888 – Crítica e interpretação	B869.34209
2. Ficção brasileira – História e crítica	B869.34209
3. Folclore – Brasil – Séc. XIX	398.0981
4. Brasil – Cultura popular	394.30981

Copyright © by Cristina Betioli Ribeiro
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

A Márcia Abreu, grande professora e amiga, com quem tive lições fundamentais de profissionalismo e rigor na pesquisa acadêmica.

Aos professores Eduardo Vieira Martins, Jefferson Cano, Luiz Carlos Dantas (*in memoriam*), Martha Abreu e Orna Messer Levin, por todos os bons diálogos, atenções e contribuições no processo de construção deste trabalho.

Aos acervos e instituições de pesquisa visitados: Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro), Arquivo Edgard Leuenroth – AEL (Unicamp, Campinas), Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Recife), Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB (USP, São Paulo), Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo), Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), Biblioteca Pública de Pernambuco (Recife), Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj (Recife), Gabinete Português de Leitura (Recife e Rio de Janeiro), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano (Recife). Fico grata, em especial, ao atendimento prestimoso de Aurileide e Luís, da ABL, e de César, da Fundaj.

A Pedro Marques, parceiro da vida, e à pequena Helena, flor dos meus dias.

À Fapesp, pelo apoio financeiro no desenvolvimento da pesquisa.

*Os guerreiros de minha terra já nascem feitos.
Não aprenderam esgrima nem tiveram instrução...
Brigar é do seu destino:*

- Cabeleira!*
- Conselheiro!*
- Tempestade!*
- Lampião!*

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos:

- Cabeleira!*
- Conselheiro!*
- Tempestade!*
- Lampião!*

Ascenso Ferreira
(“Minha terra”, *Catimbó*, 1927)

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil*

Manuel Bandeira
(“Evocação do Recife”, *Libertinagem*, 1930)

A preferência pela literatura oral, primeiro leite da cultura humana, existe em todas as bibliografias. É o elemento vivo e harmonioso que ambienta a criança e acompanha, obstinadamente, o homem, numa ressonância de memória e saudade. O folclore é a única disciplina que dispensa inicialmente o auxílio alheio para sua comprovação.

Luiz da Câmara Cascudo

(“O folclore: Literatura oral e literatura popular”,
A literatura no Brasil, 1955)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
--------------------	----

PRIMEIRA PARTE

CONSIDERAÇÕES SOBRE FOLCLORE E NACIONALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

1. A TRAJETÓRIA DO NACIONAL RUMO À CULTURA POPULAR.....	19
2. OS PRIMEIROS FOLCLORISTAS: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA CULTURA E DA LITERATURA NACIONAL	37

SEGUNDA PARTE

FRANKLIN TÁVORA NO CENÁRIO LITERÁRIO DA CORTE IMPERIAL

3. NOTÍCIA BIOGRÁFICA DE FRANKLIN TÁVORA: O PROJETO LITERÁRIO NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL.....	63
---	----

4. FOLCLORE E NACIONALIDADE NO ROMANCE: O PROJETO LITERÁRIO DE FRANKLIN TÁVORA E O EMBATE COM JOSÉ DE ALENCAR.....	75
5. AINDA O PROJETO LITERÁRIO: UM CONTESTADOR POR DENTRO DA TRADIÇÃO.....	123

TERCEIRA PARTE

UMA NOVA FÓRMULA PARA O NOVO GÊNERO:
A LITERATURA DO NORTE NO ROMANCE

6. <i>A LITERATURA DO NORTE EM AÇÃO</i>	137
7. <i>O CABELEIRA</i> : PRIMOGÊNITO DE UMA LITERATURA NACIONAL.....	141
8. <i>O MATUTO E LOURENÇO</i> : IRMÃOS DE <i>O CABELEIRA</i>	175
9. <i>UM CASAMENTO NO ARRABALDE</i> E <i>O SACRIFÍCIO</i> : O CRESCENTE APELO ÀS CONVENÇÕES DO GÊNERO.....	215
10. RECEPÇÃO: O IMPACTO DA <i>LITERATURA DO NORTE</i>	243
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	277
GLOSSÁRIO BIBLIOGRÁFICO.....	283
MAPEAMENTO CRONOLÓGICO DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS E LITERÁRIAS SOBRE ASPECTOS ÉTNICOS E REGIONAIS DA CULTURA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX (1800-1900).....	291
BIBLIOGRAFIA.....	297
<i>Geral</i>	297
<i>De Franklin Távora</i>	303
<i>De textos literários (séculos XVIII, XIX e XX)</i>	305
<i>De textos teóricos e historiográficos (séculos XVIII, XIX e XX)</i>	306
<i>Periódicos oitocentistas consultados</i>	309
<i>Locais de pesquisa</i>	310

APRESENTAÇÃO

A partir de minuciosa pesquisa de localização, organização e apresentação analítica das discussões sobre cultura popular e nacionalidade no Brasil do século XIX, esta obra busca evidenciar a importância do debate para a construção de concepções sobre a formação do povo brasileiro, com especial atenção à sua vertente literária, que focalizou o Norte como a região mais identificada com a genuinidade da nação. O objetivo deste estudo é, portanto, analisar a faceta literária do movimento folclorista dos Oitocentos, em especial na obra ficcional de Franklin Távora.

Foi possível perceber que, dentre os primeiros folcloristas, como Celso de Magalhães, Sílvio Romero e Melo Moraes Filho, a maioria ligada à *Escola de Recife*, poucos têm o interesse de trazer para suas próprias produções, poéticas ou ficcionais, os tão comentados elementos do folclore nortista. A maior parte desses intelectuais, simpatizantes das novas ideias positivistas, analisa o tema do ponto de vista etnográ-

fico ou antropológico, apresentando coletas de cantos e contos de províncias daquela região.

Dentre os que introduzem a cultura popular nas próprias produções literárias de forma mais extensiva ou sistemática, e que são percebidos na imprensa e rodas literárias da Corte, destacam-se autores como Fagundes Varela, Juvenal Galeno, Visconde de Taunay, José de Alencar, João Salomé Queiroga, Bernardo Guimarães, José do Patrocínio e Inglês de Souza¹. Com efeito, Franklin Távora é quem aparentemente mais se engaja na proposta de aplicar as ideias do debate folclorista na própria obra de ficção. Além de participar do movimento como importante coletor e incentivador, o romancista atrai as atenções dos pares ao engendrar um projeto literário denominado de *Literatura do Norte*, que dá ao público cinco romances dirigidos por um programa nitidamente vinculado às discussões sobre cultura popular e literatura nacional. Esse projeto é publicado em 1876, como prefácio ao primeiro romance da série, *O Cabeleira*.

Envolvido pelas concepções positivistas sobre a cultura popular e preocupado em reafirmar a nacionalidade na produção literária, até então simbolizada caracteristicamente pelo índio, Távora tece críticas às obras de cunho folclórico de sua época e deixa traços de seu programa literário em cartas, artigos e prefácios que são examinados nesta pesquisa.

¹ Os títulos e datas de publicação das obras podem ser conferidos em “Mapeamento cronológico de publicações científicas e literárias sobre aspectos étnicos e regionais da cultura brasileira no século XIX (1800-1900)”, entre os tópicos finais deste livro. Em estudos como os de Afrânio Coutinho em *A literatura no Brasil* (Coutinho, 1986), é possível verificar um número significativo de produções literárias voltadas para a temática do folclore, publicadas em volume e em folhetim, na Corte e em províncias do Norte do país, na segunda metade do século XIX. Embora o presente trabalho não priorize o levantamento dessas obras, detendo-se com maior exclusividade à produção de Franklin Távora, deixa sinalizada a carência de pesquisas dessa natureza.

Neste trabalho, privilegamos a apresentação comentada das raras fontes primárias localizadas², procurando disponibilizá-las e contextualizá-las. Propomos, ainda, a análise dos cinco romances incluídos pelo autor na *Literatura do Norte – O Cabeleira* (1876), *O matuto* (1878), *O sacrifício* (folhetim, 1879), *Lourenço* (folhetim/romance, 1881) e *Um casamento no arrabalde* (1869/1ª edição incluída no programa, 1881) –, pouco visitados pelos estudos literários. Com esse pressuposto, dividimos esta obra em três partes.

A Primeira Parte apresenta e analisa o movimento folclorista do século XIX, suprida por um glossário biobibliográfico para os inúmeros autores envolvidos no debate e na produção característica desse movimento, com o objetivo de ilustrar as significativas proporções que as discussões sobre cultura popular e ciência tomam no pensamento nacional do período. Nessa parte, interessa destacar os impactos ideológicos na literatura, a questionável ruptura com o indianismo e a importante conexão com as ideias cientificistas da *Escola de Recife*. Nesse sentido, procuramos evidenciar a formação de um “realismo científico” na prosa de ficção, particularizado pela influência da filosofia positiva, pelo determinismo taineano e pelas teses evolucionistas de Darwin e Spencer. Essa produção literária é influenciada sobremaneira pelo movimento recifense da Faculdade de Direito, que forma escritores envolvidos com tais correntes científicas e impulsiona o

² Ensaaios, críticas e escritos ficcionais de Franklin Távora, publicados em periódicos da segunda metade do século XIX, sobretudo *Diário de Pernambuco* (Recife-PE) e *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro-RJ), as *Cartas a Cincinato* (cuja 1ª edição em volume é de 1872) e a correspondência com José Veríssimo (Rio de Janeiro, 1879-1887). Além das fontes primárias do autor, são valorizados textos de similar raridade, produzidos por outros intelectuais ligados à *Escola de Recife* e à difusão das ideias folcloristas no período.

enfoque ficcional nas regiões sertanejas do Brasil e na relação do espaço natural e selvagem com o “primitivismo” dos seus costumes locais. Nesse tipo *sui generis* de realismo, que seria detectado como tendência naturalista pela crítica brasileira a partir dos anos 80 do século XIX, a cultura popular é objeto de ciência no campo do *folclore* e da arqueologia, tanto quanto a natureza tropical o é na botânica e as etnias formadoras do brasileiro o são na etnologia e demais frentes científicas que se ocupam de estudar o país. Nesse contexto, o Norte – de onde provém o cientificismo das “novas ideias” – assume o estatuto de região mais “genuína” e menos afetada pelo cosmopolitismo que o Sul. Vale frisar que, nesse período, a geografia regional do Brasil concebe apenas a divisão dos dois extremos: o Norte corresponde à região compreendida entre as províncias (depois estados) do Amazonas à Bahia³. Reinventado como o lugar das tradições e, portanto, como definidor do caráter e da autenticidade brasileira, o Norte ganha dimensão de nação na literatura e nos estudos etnográficos.

A Segunda Parte está centrada na abordagem do projeto literário de Franklin Távora, a partir das *Cartas a Cincinnati* (1871-1872), do prefácio a *O Cabeleira*, de diversas fontes primárias localizadas em Recife e Rio de Janeiro e de estudos recentes sobre o autor. Tal abordagem é inevitavelmente colocada em contraste com o programa literário do célebre rival José de Alencar, analisado à luz de bibliografia sobre sua obra, sobretudo a que se volta para a terceira fase de sua produção, segundo o prefácio “Benção paterna”, apostado ao romance *Sonhos d'ouro* (1872). Essa parte também procura mostrar, penetrando as avaliações críticas de Távora sobre a

³ Mello, 1999, p. 15.

obra de Alencar, o diálogo entre as trajetórias literárias dos autores no estabelecimento de critérios artísticos e nacionalistas para a produção do gênero romance. Na análise dos métodos e fundamentos de composição dos romancistas, evidencia-se, ainda, a dificuldade de inseri-los em correntes ou sistemas literários estanques, fixados pela historiografia literária como “romantismo”, “regionalismo” ou “naturalismo”.

A Terceira Parte é formada pela análise dos cinco romances da *Literatura do Norte*, visando identificar em que medida o projeto literário do autor rege a produção do gênero. O exame das obras vem seguido de um tópico sobre a sua recepção, com ênfase nos primeiros textos que se ocuparam da avaliação dos romances. As análises, por sua vez, procuram mostrar: em que medida o autor consegue aplicar os seus critérios literários, espalhados em cartas, artigos e no projeto da *Literatura do Norte*, nas próprias obras de ficção; se o autor revisa os fundamentos de criação ao longo de suas produções, conforme o resultado da recepção; como o autor lida com os diferentes parâmetros de produção literária da época, que, quando conflitantes, podem gerar desarranjos técnicos e desagradar mais ou menos à crítica e ao público leitor. Nesse último sentido, flagra-se o apego às regras clássicas, que até então orientam a criação literária, para enfrentar os desafios de composição impostos pela prosa ficcional de feição moderna, que ainda não estava formalmente normatizada, nem tinha o prestígio dos gêneros tradicionais. Paralela a essa dificuldade, observa-se também uma controversa adesão aos nascentes pressupostos naturalistas que já configuram um novo canal de produção. É possível perceber que o momento de valorização da cultura popular e do mestiço no romance desvenda um particular movimento nacionalista na literatura,

que semeia tópicos a serem frequentadas durante décadas, antes e depois dos regionalistas de 1930.

Por fim, as Considerações Finais ocupam-se de atar, brevemente, as análises realizadas na Terceira Parte, mapeando as intersecções do percurso crítico de Franklin Távora com o produto da sua prosa ficcional.

PRIMEIRA PARTE
CONSIDERAÇÕES SOBRE FOLCLORE
E NACIONALIDADE NA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

A TRAJETÓRIA DO NACIONAL RUMO À CULTURA POPULAR

Após a independência política, os esforços em prol da autoafirmação do Brasil como nação emancipada intensificam-se continuamente. Política e culturalmente, o país assiste à construção de um projeto civilizador, favorecido pelo patrocínio do Imperador Pedro II, em busca de uma identidade autenticamente nacional. Em 1838, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na Corte Imperial, oficializa as bases desse projeto. Constituído por bacharéis e homens de letras, com apoio financeiro e pessoal de D. Pedro II, o Instituto estabelece um elo entre o Estado e a *inteligência* e se propõe a investigar e traçar a gênese da nacionalidade, através da produção de uma história e de uma literatura essencialmente brasileiras.

No momento em que a história se esboça como campo científico do saber, o IHGB oferece balizas programáticas e financeiras para a pesquisa historiográfica, que se constrói por meio de uma ótica parcial do país e de endosso à conti-

nidade branco-europeia. Trata-se de um paradoxo que permanece durante todo o século XIX: a denegação de Portugal como ex-metrópole e, ao mesmo tempo, a admissão da sua contribuição civilizadora na formação do Brasil¹. Do ponto de vista antropológico, o indígena e o africano são relegados a raças inferiores e em extinção, embora maciçamente presentes na realidade brasileira. Na história e, sobretudo, na literatura, que então se anunciam intérpretes pioneiras da nação independente, eles recebem os contornos da idealização, que nem por isso os poupam das marcas da inferioridade racial.

Apesar de ambos serem associados ao primitivismo e à ideia de raça degradada, índio e negro não são examinados da mesma maneira. O indígena, sob os parâmetros da imaginação romântica, ganha estatuto de símbolo nacional, por meio da qualidade de habitante original do país. O negro, sob a condição de escravo, é omitido e rebaixado como raça bestializada, estrangeira e vinculada ao atrasado regime escravocrata.

Através de um movimento de consciente distanciamento de sua realidade, os intelectuais brasileiros e, mais precisamente, literatos românticos, como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, projetam a imagem do índio para um passado mítico e histórico, com o intuito de compará-lo a ilustres guerreiros e de celebrar heroísmo e bravura, caros aos heróis gregos e cavaleiros medievais europeus, no personagem eleito como genesíaco nas terras brasílicas². Paralelamente, desenrolam-se discussões de caráter político em torno de propostas de dizimação e/ou escravização do índio, bem como da ocu-

¹ Guimarães, 1988, pp. 5-8.

² Candido, 2000, pp. 19-20.